

## SAÚDE E PROCESSOS PSICOSSOCIAIS

### REPRESENTAÇÃO DO AUTISMO NA MÍDIA: REVISÃO INTEGRATIVA SOBRE AUTENTICIDADE E PERCEPÇÃO PÚBLICA

AUTISM IN THE MEDIA: INTEGRATIVE REVIEW ON AUTHENTICITY AND PUBLIC PERCEPTION

Juliana Stocki<sup>1</sup>; Emily Lima Marmentini<sup>2</sup>; Artur Mendes Vittoria de Souza<sup>1</sup>;  
Amanda Henz<sup>1</sup>; Philippe Rodrigues da Silva<sup>1</sup>; Leticia Burato Wessler<sup>1</sup>;  
Kelser Koch<sup>1</sup>; Katia Lin<sup>2</sup>; Jaime Lin<sup>2</sup>, João Victor Reis Trindade

**Resumo:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado pelo desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, além de padrões de comportamentos repetitivos. Há, portanto, meios de comunicação em massa, como o cinema, séries de televisão e redes sociais que abordam o assunto de diversas formas, as quais desempenham um imenso potencial de influenciar na aprendizagem do espectador. Essa revisão, por sua vez, buscará explorar se os retratos midiáticos se mostram benéficos ou não para o discernimento do TEA em diversas comunidades, além de avaliar a autenticidade das características e dos fatos apresentados.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista, mídia, cinema, internet, séries de televisão.

<sup>1</sup> Grupo de Estudos em Neurociências (GEN) - Unisul. Endereço: Av. José Acácio Moreira, 787 - Dehon, Tubarão - SC, 88704-900

<sup>2</sup> Setor de Neurologia da Universidade Federal de Santa Catarina – Endereço: R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n - Trindade, Florianópolis - SC, 88040-900

**Autor correspondente:**

Leticia Burato Wessler: Bacharel em Biomedicina. Mestre e Doutora em Ciências da Saúde. Acadêmica de Medicina na Universidade do Extremo Sul Catarinense

Endereço: Rua Lupicínio Rodrigues, 401, Milanese. CEP:88804-531 - Criciúma

E-mail: leticia.wessler@hotmail.com

**Abstract:** Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental disorder characterized by atypical development, behavioral manifestations, deficits in communication and social interaction, in addition to repetitive behavior patterns. There are, therefore, mass media, such as cinema, television series and social networks that approach the subject in different ways, which have immense potential to influence the viewer's learning. This review, in turn, will seek to explore whether media portrayals are beneficial or not for discerning ASD in different communities, in addition to evaluating the authenticity of the characteristics and facts presented.

**Keywords:** Autism Spectrum Disorder, media, cinema, internet, television series.

## **Introdução**

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), de maneira geral, é uma síndrome neuropsiquiátrica que se caracteriza por manifestações comportamentais acompanhadas por dificuldades na interação social e na comunicação, padrões de comportamento repetitivos e estereotipados, além de uma gama limitada de interesses e atividades. Dados coletados por meio do Sistema de Informações Ambulatoriais (SIA) mostraram que o Brasil realizou apenas no ano de 2021, 9,6 milhões de atendimentos em ambulatórios a pessoas com autismo, sendo que desse total informado, 4,1 milhões de assistências foram voltadas ao público infantil com até 9 anos <sup>1</sup>. Considerando esse aspecto de grande prevalência do Transtorno do Espectro Autista em adultos e crianças, é preciso ponderar acerca da importância de se fazer um diagnóstico clínico profissional efetivo e individual, visto que o mesmo é obtido com base nas observações do paciente, entrevistas parentais e aplicação de ferramentas específicas. Os critérios utilizados para diagnosticar o TEA estão descritos no Manual Diagnóstico e Estatístico da Associação Americana de Psiquiatria (DSM) <sup>2</sup>. Esses critérios, portanto, evoluíram ao longo dos anos. O DSM-V, por sua vez, lançado em maio de 2013, é a mais recente ferramenta para orientar o diagnóstico médico de indivíduos com TEA <sup>3</sup>.

Em vista disso, observa-se que os cenários resultantes após o diagnóstico clínico são geralmente graves e persistentes, apresentando grandes variações

individuais e exigindo frequentemente cuidados extensivos e compromissos permanentes das famílias <sup>4</sup>.

É nesse sentido que se abre espaço para a discussão acerca da atuação midiática e o seu impacto positivo ou prejudicial no conhecimento das pessoas sobre o assunto TEA. A influência da mídia é significativa e poderosa na formação de crenças e atitudes sociais em relação aos outros <sup>5</sup>. Sob esse viés, as representações da mídia também podem reforçar amplamente os estereótipos negativos do autismo, levando a visões imprecisas do espectro e aumentando o estigma <sup>6</sup>.

Esse estereótipo negativo, e, muitas vezes, desumanizado, mostra-se muito problemático, pois acaba sendo usado para justificar o preconceito e a discriminação em sociedade <sup>7</sup>.

Logo, o estudo atual procura reunir revisões anteriores para avaliar se o que a mídia expõe publicamente por meio da televisão, cinema e internet (redes sociais) tende a ser benéfico ou não para o conhecimento da população, analisando, portanto,

a precisão e a autenticidade do que é retratado. Dessa forma, investiga-se a percepção da comunidade sobre o TEA dado o grande poder informativo e, por muitas vezes, apelativo da mídia, ou seja, pode haver uma denotação grosseiramente imprecisa do autismo, o que é integralmente capaz de fomentar as percepções errôneas entre o público.

## **Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa descritiva do tipo revisão integrativa da literatura, que buscou responder se as representações do autismo na mídia impactam de forma negativa ou positiva no conhecimento dos espectadores, avaliando a autenticidade das representações midiáticas. A pesquisa foi realizada através do acesso online nas bases de dados National Library of Medicine (PubMed MEDLINE) e Scientific Electronic Library Online (Scielo) nos meses de junho, julho e agosto de 2024.

Para a busca de artigos foram utilizadas as palavras-chave presentes nos descritores em Ciências da Saúde (DeCS) - em inglês: “Autism”, “Autistic Disorder”, “Autism Spectrum Disorder”, “Autistic Disorders”, “Social Media”, “Mass Media”, “Motion Pictures”, “Cinema”, “Movies”, “Film”, “Fictional Works”, “Cyber Space”, “Internet”, “Television”. Os operadores booleanos utilizados foram os mesmos em ambas as bases de dados. Foram incluídos estudos de todos os tipos, publicados até janeiro de 2024, desde 1968, que atendessem ao objetivo definido. Além disso, foram considerados artigos originais, que abordassem o tema pesquisado, permitissem acesso integral ao conteúdo do estudo e que estivessem em inglês ou português. O critério de exclusão foi imposto naqueles trabalhos que não estavam em inglês ou português e que não trouxessem informações acerca das mídias selecionadas para pesquisa: cinema, internet ou televisão associados ao discernimento do público em torno do TEA.

A estratégia de seleção dos artigos seguiu as seguintes etapas: busca nas bases de dados selecionadas; leitura dos títulos de todos os artigos encontrados e exclusão daqueles que não abordavam o assunto e não respondiam à pergunta base no trabalho em questão; leitura crítica dos resumos dos artigos e leitura na íntegra dos artigos selecionados nas etapas anteriores. Após leitura criteriosa das 1434 publicações encontradas com os descritores citados acima, 1419 artigos não foram utilizados devido aos critérios citados abaixo, conforme fluxograma PRISMA (2020). Assim, totalizaram-se 15 artigos científicos selecionados para a revisão integrativa da literatura.

Registros removidos *antes da triagem*:

Registros duplicados (manual) (k = 5)

Registros removidos por outros motivos (k = 0)

Total de publicações incluídas na revisão

k = 15

Publicações avaliadas para elegibilidade

k = 57

IDENTIFICAÇÃO

TRIAGEM

INCUÍDOS

Registros selecionados

k = 1429

Registros identificados conforme o banco de dados:

PUBMED (k=1377)

SciELO (k=57)

Publicações pesquisadas para se manterem

k = 60

k =

Registros excluídos

k = 1369

Publicações retiradas

k = 3

Publicações excluídas

Não respondem à pergunta de pesquisa ou não representam mídias ficcionais (TV, cinema e redes sociais) (k= 42)

**Figura 1.** Fluxograma PRISMA 2020 adaptado para a revisão bibliográfica.  
PRISMA: Itens de Relatório Preferenciais para Revisão Sistemática e Meta-Análise

## Discussão e resultados

A presente revisão identificou como as mídias vêm representando, por meio de personagens autistas, o próprio espectro, abordando as limitações do mesmo e as interpretações do público. Dentro das diversas mídias que abordam sobre o TEA, a pesquisa tem por objetivo analisar como seriados da televisão e outros componentes de comunicação social como o cinema e as redes sociais retratam essa manifestação clínica, abordando as possíveis reações do público espectador, tratando-se de ser uma abordagem benéfica ou negativa.

Em relação à representação do autismo na mídia ficcional, por meio de filmes, afirma-se que a atividade e o ritmo de visualização, por sua própria natureza, cativam o espectador tanto emocional quanto visualmente, funcionando como entretenimento, porém não necessariamente há propósitos críticos<sup>9</sup>.

Abrindo espaço para a exposição do TEA na mídia, por intermédio de personagens marcantes com essa deficiência ao longo dos anos, destaca-se a relevância do filme *Temple Grandin* (2010), uma obra cinematográfica concebida para a televisão, que retrata a própria vida de T.G. – uma pessoa real e inspiradora, abarcando a sua condição de autista; na ficção, portanto, a personagem enfrentava obstáculos diários em uma era em que o autismo era ainda pouco compreendido. Esse filme, portanto, revisita uma crítica relacionada à revalidação da ideia que foi construída ao longo do tempo de que pessoas com autismo são sempre extremamente inteligentes, esse estereótipo, por sua vez, é no mínimo questionado e desfeito durante as abordagens do filme, levando em consideração um entendimento primordial de habilidades das pessoas com autismo através das teorias cognitivas, as quais estudam como pensamos e processamos informações. Indivíduos autistas, logo, possuem um estilo cognitivo apenas diferente, mas não limitado.

Mais do que um mero filme, esta obra cinematográfica se configura como um poderoso instrumento de transformação social. A narrativa nos convida a repensar a inclusão, a construir pontes entre mundos distintos e a celebrar a riqueza da diferença.

Ao tecer essa narrativa sensível e profunda, o filme se consagra como um marco na representação do autismo no cinema. Mais do que informar, a obra nos convida a sentir, a refletir e a agir, impulsionando-nos a construir um mundo mais justo e acolhedor para todos, onde a neurodiversidade seja celebrada e as suas potencialidades sejam reconhecidas <sup>10</sup>.

Desde 1988, a mídia mostrou-se mais ativa e ocupada em retratar filmes que destaquem habilidades especiais de pessoas com autismo. Neste ano, 1988, a notoriedade se deu por meio do filme “Rain Man” trazendo um caso de autismo interpretado por Dustin Hoffman; no entanto, o que se mostra de forma pouco efetiva é que o mesmo personagem possui também a Síndrome de Savant, e, essa condição clínica não é notavelmente esclarecida durante o filme, deixando a desejar um esclarecimento sobre as diferentes abordagens entre ambas as condições – TEA e Savant <sup>10</sup>. Essa ausência de clareza, conseqüentemente, mostra-se confusa para o espectador.

Dentro desse mesmo contexto cabe a esta revisão avaliar o filme “O código para o inferno” de 1998, que retrata o caso de uma criança de nove anos, Simon, dotada de singulares habilidades, que consiste na prodigiosa capacidade de desvendar com facilidade um código de intrincada criptografia pertencente ao governo dos Estados Unidos. Nessa obra fictícia, Simon, personagem principal, só interage e faz contato visual quando outras pessoas pedem, mostrando, por exemplo, que sua postura e seus gestos são característicos do autismo <sup>11</sup>.

Retratos do transtorno do espectro do autismo em filmes muitas vezes mostra habilidades especiais ou "savants": que é um exemplo marcante o filme em atual discussão – “O código para o inferno”, ao mostrar uma criança que pode quebrar códigos avançados <sup>12</sup>.

Em um contexto global, destaca-se o filme *Maratona* de 2005, pioneiro no cinema nacional da Coreia ao apresentar um personagem principal com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O filme, baseado numa história real, explora o caminho de autorrealização trilhado pela personagem principal através de uma corrida de longa distância. Ademais, a obra oferece um retrato realista dos desafios enfrentados pelas famílias dos personagens, evidenciando a marginalização do pai

e do irmão à medida que a família se empenha em apoiar os membros com TEA. Tal abordagem é de imensa importância, pois contribui significativamente para o aumento da conscientização sobre as características do transtorno <sup>13</sup>. Esse fato além de benéfico é necessário no contexto da Coreia, dada a informação de que a maioria da população se encontra excluída do apoio social no que diz respeito ao emprego e à educação <sup>14</sup>. O feito de que após o lançamento desse filme, a Coreia impulsionou a criação de outras obras ficcionais que abordam o mesmo tema, torna-se um grande exemplo a todas as sociedades do mundo, uma vez que a comunidade autista merece respeito e reconhecimento pela diversidade e não pela diferença. É nesse viés, pois, que a mídia deve atuar.

Por outro lado, estudos e pesquisas anteriores sugerem que a série americana *The Good Doctor*, em que há um protagonista autista adulto (Dr. Shaun Murphy) com Síndrome de Savant, têm contribuído com um retrato do espectro que pode levar a atitudes positivas em relação aos indivíduos com autismo em sociedade <sup>8</sup>. E, da mesma forma, contribuir para o conhecimento do público espectador.

Em um cenário próximo, destaca-se a notoriedade da série de comédia dramática “*Atypical*” da Netflix, que apresenta a vida cotidiana de Sam Gardner, um protagonista claramente declarado autista. O que essa série traz de inovadora, portanto, é uma visão do autismo por meio da própria perspectiva do personagem, e, por esse motivo, a série tem um grandioso potencial de oferecer ao público um entendimento único sobre as complexidades do TEA. Para o conhecimento da comunidade em geral, por sua vez, “*Atypical*” salienta características notórias de indivíduos com TEA que vão ao encontro do que aponta o DSM-5 e, ao mesmo tempo, o personagem Sam abre espaço para a desconstrução de paradigmas erroneamente associados ao TEA, a exemplo da capacidade de independência e de expressar o amor de forma regular. E, ao contrário do que é mostrado em “*The Good Doctor*” nem sempre indivíduos autistas possuem habilidades savants <sup>15,16,17,18</sup>.

Para complementar a ideia citada, cabe ressaltar um estudo publicado em 2023 que avalia exatamente a percepção da representação do autismo na série “*Atypical*” da Netflix dentro da comunidade autista, o qual mostrou que a maioria dos participantes descreveu o retrato do personagem principal como preciso. Esse

estudo, por sua vez, revisita um viés distinto do que até então a maioria das pesquisas abordava. Entender a autenticidade do espectro se torna muito válido quando essa é avaliada por indivíduos reais que compartilham o mesmo diagnóstico do personagem fictício. O estudo em foco também incluiu na amostra os pais e parceiros de pessoas autistas, e os resultados mostraram que esses membros da família tendiam a considerar a série mais útil em termos informativos e com maior potencial para melhorar as atitudes em relação ao autismo, em comparação com as próprias pessoas autistas. Todavia, durante o experimento algumas preocupações surgiram, principalmente com relação ao retrato estereotipado do personagem autista. Observou-se uma falta de diversidade nas características físicas de Sam (branco, homem e socialmente desajeitado), além de evidenciar que o personagem enfrenta um desafio que não afeta apenas a ele, mas também sua família. Este estudo, por si só, suscita questões relevantes que merecem reflexão, como a necessidade de que personagens autistas sejam interpretados por atores autistas. Pelo menos, é essencial que pessoas autistas participem ativamente na escrita e na criação dos elementos cinematográficos <sup>19</sup>.

Entender o ponto de vista de pessoas autistas sobre a representação midiática do espectro coloca em pauta questões importantes dado que quando esse indivíduo fica de fora da tomada de decisões e da participação no enredo da produção cinematográfica, o mesmo é quem vai lidar e conviver com as consequências dessas resoluções, ou seja, é ele mesmo que terá de suportar o estigma resultante do retrato impróprio e estereotipado do autismo em séries de TV e filmes <sup>20</sup>.

As produções cinematográficas e televisivas que escolhem integrar personagens autistas têm o dever de oferecer representações autênticas e benéficas para a vida das pessoas autistas. É justamente por esse motivo que deve ser do interesse de todas as partes envolvidas criar personagens autistas que sejam genuínos e procurar evitar conceitos equivocados e estereótipos sobre o autismo <sup>21</sup>.

Grande parte das representações midiáticas do autismo trazem consigo a crítica de não buscar atenção para as reflexões acerca dos diversos sintomas e adaptações das pessoas com o transtorno <sup>6</sup>.

É claro que ao assistir a uma combinação de filmes e séries de TV haverá um potencial gigantesco para se refletir parte da complexidade do TEA, mas isso não acontecerá em sua totalidade <sup>22</sup>.

Em um contexto mais amplo da representação midiática do espectro em diferentes ambientes, aponta-se para um estudo que avalia o quanto e como a mídia pode influenciar no comportamento e no conhecimento de uma comunidade específica. O trabalho em análise citado mostra de antemão que, em âmbito universitário, os estudantes neurotípicos tendem, em sua maioria, ver os seus colegas autistas de forma negativa e estereotipada. Por esse motivo, induziu-se aos primeiros estudantes o contato indireto da mídia, por meio de três vídeos de televisão, cada um deles abordando o espectro de forma distinta (condição identificável do autismo, condição informativa e condição estereotipada) <sup>23</sup>. O resultado desse estudo se revelou de forma muito positiva, diminuindo o estereótipo e confirmando o que outros autores já haviam mencionado sobre a capacidade efetiva de aprendizagem social e inclusiva ao desfrutar das diferentes representações midiáticas <sup>24</sup>. Além disso, pesquisas anteriores já demonstraram que, quando alguém percebe um membro de um grupo externo como semelhante a ele, há uma tendência a avaliar essa pessoa de forma muito mais favorável, especialmente se esse membro apresentar alguma deficiência. Isso pode ocorrer simplesmente porque a semelhança percebida facilita uma maior identificação com o indivíduo em questão, como sugerido por Hofner e Buchanan (2005) <sup>25</sup>.

As redes sociais emergem como um campo primordial para a percepção contemporânea da sociedade acerca do TEA, oferecendo plataformas digitais que facilitam contribuições comunitárias, compartilhamento de conteúdo, interação e colaboração <sup>26</sup>. É claro que sob esse viés, as informações são extremamente variáveis e derivam de fatos ou opiniões. O YouTube, um site de compartilhamento de vídeos, é um espaço amplamente frequentado para essas discussões. Os vídeos presentes nessa rede social tornaram-se rapidamente uma ferramenta poderosa utilizada, sobretudo, para aumentar a conscientização e oferecer formas alternativas de pensar sobre o TEA <sup>27</sup>. De maneira geral, essa plataforma, por meio dos conteúdos publicados, é considerada excepcional, uma vez que permite a interação com o público de forma indireta. Além do YouTube permitir que histórias pessoais

sejam contadas pelos próprios indivíduos autistas ou por membros da família, como irmãos, pais e amigos, essa ferramenta virtual também se transformou em um local para muitas organizações e profissionais de saúde carregarem informações factuais sobre o TEA, a fim de fomentar o conhecimento de todos os interessados. Esses vídeos, bem como suas respectivas seções de comentários, reveste-se de inestimável importância para aqueles que buscam ampliar seu entendimento e conhecimento sobre o TEA, além de possibilitar a conexão com indivíduos de diversas partes do globo que compartilham experiências semelhantes <sup>28, 29</sup>. A mídia social, por sua vez, possibilita que os indivíduos possam dar e procurar aconselhamento e apoio. Isso se comprova por meio de um estudo realizado em 2014, que mostra que a característica comunitária das mídias sociais facilita o compartilhamento de estratégias de enfrentamento, oferece esperança e reduz o sentimento de isolamento <sup>30</sup>.

Além dos vieses benéficos da plataforma citados, os vídeos do YouTube são capazes de facilitar a detecção das principais características do TEA, permitindo que os indivíduos façam, muitas vezes, uma identificação precoce <sup>31</sup>. Isso também se deve ao fato de que a maioria do conteúdo aborda os sinais e sintomas do transtorno, seguido de tratamento interdisciplinar <sup>27</sup>.

No entanto, ergue-se uma questão significativa acerca do conteúdo midiático presente no YouTube, assim como em qualquer outra rede de comunicação: a utilidade e a veracidade dos vídeos disponibilizados. Portanto, é imperativo adotar uma abordagem crítica em relação às informações, levando em consideração a origem dos vídeos <sup>32</sup>.

Um estudo que buscou analisar o conteúdo de vídeos informativos e avaliar a autenticidade dos mesmos mostrou que a maioria deles era de confiabilidade moderada e de autoria médica ou de profissionais da psicologia. Já, por outro lado, o que se mostrou inesperado nessa pesquisa foi a ausência de profissionais de reabilitação, como terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos <sup>33</sup>.

Os especialistas em saúde, portanto, exercem uma função fundamental na disseminação de informações fidedignas sobre o autismo por meio do YouTube <sup>34</sup>.

Uma questão interessante acerca da abordagem do TEA em seus diversos aspectos no YouTube é que houve um aumento significativo da quantidade de vídeos publicados entre os anos de 2016 e 2018 – e isso pode estar associado com os avanços nos critérios de triagem e diagnóstico precoce do TEA <sup>35</sup>.

Em contrapartida, o YouTube e outras redes sociais como o twitter e o Facebook podem amplamente divulgar conteúdos com abordagens duvidosas, trazendo informações enganosas e mal orientadas para domínio público e isso afeta negativamente no conhecimento das comunidades. Além disso, vale ressaltar que a presença de conteúdo que envolve abordagens curativas rápidas para o autismo tem maior probabilidade de disseminar informações erradas, visto que não há cura para o autismo <sup>32</sup>.

Um estudo recente de 2023 abordou as preocupações sobre a falta de filtragem do conteúdo publicado na rede social TikTok acerca do autismo. Nesse estudo foi avaliado tanto o alcance quanto a precisão dos vídeos. O TikTok é uma das mídias mais acessadas atualmente – que apresenta uma gama de vídeos curtos que em 2022 já contava com mais de um bilhão e meio de usuários. Apesar dessa plataforma ter se originado com o viés de entretenimento, os indivíduos corriqueiramente criam e compartilham vídeos informativos, inclusive sobre o TEA e outras questões de saúde. O estudo em questão, portanto, traz como resultado que além da rede social ter um alcance gigantesco e mundial, a plataforma TikTok na maioria de seus vídeos apresenta um desalinhamento com o conhecimento atual acerca das características do TEA. Essa desinformação flagrante e outras redes de comunicação semelhantes podem distorcer fatos já esclarecidos sobre o espectro, diminuindo o conhecimento do público e disseminando informações falsas. Outro ponto interessante desse estudo se deu por conta do fato de que informações imprecisas ou excessivamente generalizadas eram “curtidas” e vistas com a mesma frequência que informações precisas. A desinformação sobre o autismo, que inclui tanto a generalização quanto a simplificação excessiva, pode, de maneira significativa, erigir obstáculos à confiança, à comunicação e à tomada de decisões compartilhadas entre profissionais e indivíduos autistas e suas famílias. Tais barreiras são resultado direto da falta de compreensão adequada sobre o tema <sup>36, 37</sup>.

## **Limitações da pesquisa atual**

Embora esta revisão integrativa da literatura forneça uma visão abrangente sobre a representação do autismo na mídia, ela apresenta algumas limitações. Primeiramente, a maioria dos estudos incluídos foca em mídias ocidentais, o que pode não refletir a diversidade cultural na representação do autismo. Além disso, a variação na qualidade metodológica dos estudos selecionados pode afetar a consistência dos resultados. Outro ponto a considerar é que a interpretação subjetiva das representações midiáticas pelo público não foi amplamente explorada, limitando a compreensão do impacto real dessas representações na percepção social do autismo. Essas limitações indicam a necessidade de pesquisas futuras que incluam uma variedade maior de contextos culturais e uma análise mais aprofundada das percepções do público sobre o tema.

## **Perspectivas futuras**

À medida que a sociedade se torna mais consciente das complexidades do Transtorno do Espectro Autista (TEA), é fundamental que as representações midiáticas evoluam para retratar de maneira mais precisa e diversificada os indivíduos com autismo. Futuramente, espera-se um aumento na inclusão de pessoas autistas na criação de conteúdo sobre o TEA, tanto na produção de filmes e séries quanto nas redes sociais, assegurando que suas vozes sejam autenticamente representadas. Além disso, a educação continuada para profissionais da mídia pode desempenhar um papel crucial na redução de estereótipos e na promoção de narrativas que valorizem a neurodiversidade. O avanço das tecnologias digitais também proporciona uma oportunidade única para a disseminação de informações verificadas e educativas sobre o autismo, ampliando o alcance do conhecimento científico e das experiências pessoais de pessoas autistas. Assim, a sociedade pode avançar para uma compreensão mais empática e informada do TEA, promovendo a inclusão e o respeito à diversidade em todas as esferas sociais.

## Conclusão

Já sabendo que é muito provável que o conhecimento do público sobre questões de saúde, incluindo acerca do TEA venha em primeiro lugar de fontes mais próximas de casa, fontes aos quais todos estamos expostos diariamente - plataformas de comunicação em massa como o cinema, séries de televisão e internet é válido destacar acerca da necessidade de entender o quanto a mídia tem o potencial de moldar experiências e informações em aprendizado. É por esse motivo, portanto, que se precisa avaliar criteriosamente a origem dos dados apontados pela mídia. Ademais, no quesito do cinema, séries de televisão e redes sociais se denota que a presença de indivíduos autistas durante todo processo de planejamento de publicação de informações sobre o espectro deve contar com a participação de pessoas autistas, uma vez que isso evita que referências estereotipadas do transtorno sejam divulgadas. Esse fato é de extrema relevância, visto que filmes de retratos fiéis à realidade e vídeos com histórias pessoais possuem um valor educativo poderoso tanto para profissionais que tentam compreender a vida cotidiana das pessoas com TEA quanto das famílias que lidam com algum membro com o espectro, visando fornecer não só intervenções eficazes para especialistas em saúde, mas também aprendizados conscientes para as comunidades espectadoras.

## Referências:

1. MARTINS, F. *TEA: saiba o que é o Transtorno do Espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares*. Ministério da Saúde, 02 abr. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/tea-saiba-o-que-e-o-transtorno-do-espectro-autista-e-como-o-sus-tem-dado-assistencia-a-pacientes-e-familiares>. Acesso em: 11/06/2024
2. KUPFER, D.; REGIER, D. *Para a comunidade de usuários do DSM-5*. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <http://www.dsm5.org/Pages/Default.aspx>. Acesso em: 11 jun. 2024.
3. ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. *Transtorno do Espectro do Autismo* [Folha de Fatos]. Associação Americana de Psiquiatria, 2013. Disponível em: <http://www.dsm5.org/Documentos/Autism%20Spectrum%20Disorder%20Fact%20Sheet.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2024.

4. BOSA, C. A. (A.). *Autismo: intervenções psicoeducacionais*. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 28, p. 47-53, 2006. Disponível em: Google Scholar. Acesso em: 11 jun. 2024.
5. BAROUTSIS, A.; ECKERT, C.; NEWMAN, S.; ADAMS, D. *Como o autismo é retratado na mídia? Uma análise de conteúdo de artigos de jornais australianos de 2016 a 2018*. *Deficiência e Sociedade*, [s.l.], v. 36, n. 7, p. 1043-1062, 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09687599.2021.1971067>. Acesso em: 13 jun. 2024.
6. NORDAHL-HANSEN, A.; TØNDEVOLD, M.; FLETCHER-WATSON, S. *Mental health on screen: A DSM-5 dissection of portrayals of Autism Spectrum Disorders in film and TV*. *Psychiatry Research*, v. 262, p. 351-353, 2018. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC10576905/#bibr32-13623613231155770>. Acesso em: 16 jun. 2024.
7. TREWEEK, C.; WOOD, C.; MARTIN, J.; FREETH, M. *Autistic people's perspectives on stereotypes: An interpretative phenomenological analysis*. *Autism*, v. 23, n. 3, p. 759-769, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29848001/>. Acesso em: 17 jun. 2024.
8. STERN, S. C.; BARNES, J. L. *Breve relatório: Será que assistir o bom médico afeta o conhecimento e as atitudes em relação ao autismo?* *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 49, n. 66, p. 2581-2588, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30734174/>. Acesso em: 17 jun. 2024.
9. TURKLE, S. *Sozinhos: por que esperamos mais da tecnologia e menos uns dos outros*. Nova York, NY: Livros Básicos, 2011.
10. SCHMIDT, C. Temple Grandin e o autismo: uma análise do filme. *Revista Brasileira de Educação Especial* [Internet], v. 18, n. 2, p. 179-194, abr. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382012000200002>. Acesso em: 18 jun. 2024.
11. BALDO, A. P.; GUIMARÃES, R. S. *Autismo e suas representações cinematográficas*. *Revista Salus-Guarapuava-PR*, v. 1, n. 2. jul./dez. 2007. Acesso em: 20 jun. 2024.
12. OBLAK, A.; GIBBS, T. T.; BLATT, G. J. Decreased GABA A receptors and benzodiazepine binding sites in the anterior cingulate cortex in autism. *Autism Research*, v. 2, n. 4, p. 205-219, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/aur.88>. Acesso em: 20 jun. 2024.

13. HWANG, J. W. *Como o Transtorno do Espectro do Autismo e as Habilidades Savant são Tratados em Trabalhos Cinematográficos? Um estudo focado em filmes coreanos e séries de TV. Soa Chongsonyon Chongsin Uihak*, v. 34, n. 2, p. 112-116, abr. 2023. doi: 10.5765/jkacap.230007. PMID: 37035787; PMCID: PMC10080254. Acesso em: 30 jun. 2024
14. KIM, Y. Acabamos de conhecer apenas um 'Woo Young-woo' hoje. *Sisain* [Internet], 4 ago. 2022. Disponível em: <https://www.sisain.co.kr/news/articleView.html?idxno=48111>. Acesso em: 01 ago. 2024.
15. LEE, J. Y.; DENG, Z. Atípico: um novo retrato de indivíduos com transtorno do espectro do autismo. *American Journal of Psychiatry Residents' Journal*, v. 15, n. 3, p. 20, 2020. Acesso em: 01 ago. 2024
16. NORDAHL-HANSEN, A. Atípico: um retrato típico do autismo? *The Lancet Psychiatry*, v. 4, n. 11, p. 837-838, 2017. Acesso em: 01 ago. 2024.
17. WOLFF, S. M. *"Porque ele é diferente": mudanças no discurso e a presença crescente do autismo na televisão fictícia*. Milwaukee, WI: Universidade de Wisconsin-Milwaukee, 2018. Acesso em: 01 ago. 2024.
18. MORGAN, J. O autismo encontrou um lugar na TV convencional? *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Acesso em 02 ago. 2024.
19. JONES, S. C.; TROTT, E.; GORDON, C.; MILNE, L. Percepção do retrato do autismo na Netflix *Atípico* dentro da comunidade do autismo. *Autism in Adulthood*, v. 5, n. 1, p. 76-85, mar. 2023. doi: 10.1089/aut.2022.0013. Epub 13 mar. 2023. PMID: 36941854; PMCID: PMC10024263. Acesso em: 02 ago. 2024.
20. MACLEOD, A.; LEWIS, A.; ROBERTSON, C. *"Por que eu deveria ser como o maldito Rain Man?!" Navegando na identidade autista*. *British Journal of Special Education*, v. 40, n. 1, p. 41-49, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1467-8578.12015>. Acesso em: 02 ago. 2024.
21. PROCHNOW, A. Uma análise do autismo através da representação midiática. *ETC: Uma Revisão da Semântica Geral*, v. 71, n. 2, p. 133-149, 2014. Acesso em: 02 ago. 2024.
22. CONN, R.; BHUGRA, D. A representação do autismo nos filmes de Hollywood. *International Journal of Culture and Mental Health*, v. 1, p. 54-62, 2012. Acesso em: 02 ago. 2024.
23. MALLIPEDDI, S.; DICKTER, C. L.; BURK, J. A. The impact of an autistic character media portrayal on autistic stereotypes: media portrayal. *Journal of Autism*

*and Developmental Disorders*, 2024. doi: 10.1007/s10803-023-06197-y. Epub ahead of print. PMID: 38217800. Acesso em: 03 ago. 2024.

24. GAERTNER, S. L.; DOVIDIO, J. F.; ANASTASIO, P. A.; BACHMAN, B. A.; RUST, M. C. O modelo de identidade intragrupal comum: recategorização e redução do preconceito intergrupar. *European Review of Social Psychology*, v. 4, n. 1, p. 1-26, 1993. Acesso em 03 ago. 2024

25. HOFNER, C.; BUCHANAN, M. Identificação desejada de jovens adultos com personagens de televisão: o papel da semelhança percebida e dos atributos do personagem. *Media Psychology*, v. 7, n. 4, p. 325-351, 2005. Disponível em: [https://doi.org/10.1207/S1532785XMEP0704\\_2](https://doi.org/10.1207/S1532785XMEP0704_2). Acesso em: 03 ago. 2024.

26. MADDEN, A.; RUTHVEN, I.; MCMENEMY, D. Um esquema de classificação para análises de conteúdo de comentários de vídeos do YouTube. *Journal of Documentation*, v. 69, p. 693-714, 2013. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JD-11-2012-0131/full/html>. Acesso em: 03 ago. 2024.

27. BELLON-HARN, M. L.; MANCHIAIAH, V.; MORRIS, L. R. Uma análise descritiva transversal da representação dos transtornos do espectro do autismo em vídeos do YouTube: um breve relatório. *Autism*, v. 24, p. 263-268, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31345314/>. Acesso em: 03 ago. 2024.

28. BROMLEY, B. E. Deficiência de transmissão: uma exploração do potencial educacional de um site de compartilhamento de vídeos. *Journal of Special Education Technology*, v. 23, p. 1-13, 2008. Disponível em: <https://search-proquest-com.proxy.bib.uottawa.ca/docview/228523871?accountid=14701>. Acesso em: 06 ago. 2024.

29. AZER, S. A.; BOKHARI, R. A.; ALSALEH, G. S.; ALABDULAALY, M. M.; ATEEQ, K. I.; GUERRERO, A. P. S.; AZER, S. Experiência de pais de crianças com autismo no YouTube: existem vídeos educacionalmente úteis? *Informing Science: The International Journal of an Emerging Transdiscipline*, v. 43, p. 219-233, 2018. Acesso em: 06 ago. 2024.

30. NASLUND, J. A.; GRANDE, S. W.; ASCHBRENNER, K. A.; ELWYN, G. Apoio de pares de ocorrência natural por meio da mídia social: as experiências de indivíduos com doenças mentais graves usando o YouTube. *PLoS ONE*, v. 9, e110171, 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25181568/>. Acesso em: 06 ago. 2024.

31. FUSARO, V. A.; DANIELS, J.; DUDA, M.; DELUCA, T. F.; D'ANGELO, O.; TAMBURELLO, J.; WALL, D. P. O potencial de acelerar a detecção precoce do autismo através da análise de conteúdo de vídeos do YouTube. *PLoS ONE*, v. 9,

e93533, 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24967685/>. Acesso em: 06 ago. 2024.

32. LACRUZ-PÉREZ, I.; SANZ-CERVERA, P.; PASTOR-CEREZUELA, G.; GÓMEZ-MARÍ, I.; TÁRRAGA-MÍNGUEZ, R. É possível educar, intervir ou “curar” transtorno do espectro do autismo? Análise de conteúdo de vídeos do YouTube. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 18, n. 5, p. 2350, 2021. doi: 10.3390/ijerph18052350. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7967735/>. Acesso em: 06 ago. 2024.

33. CORTES CAVALCANTE, J.; FARIA SALES, M.; SOUSA JUNIOR, R. R.; SOUTO, D. O.; VALE GONÇALVES, R.; CAMARGOS, A. C. R.; LEITE, H. R. Análise do conteúdo brasileiro-português sobre o transtorno do espectro do autismo disponível nos vídeos do YouTube. *Physical & Occupational Therapy in Pediatrics*, v. 44, n. 1, p. 128-142, 2024. doi: 10.1080/01942638.2023.2199843. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37069791/>. Acesso em: 06 ago. 2024.

34. CHAKRABARTY, D.; ARORA, N.; MUNEEER AHMED, I.; SATISH, S. Comparação objetiva da qualidade e confiabilidade da informação em relação ao transtorno do espectro do autismo no YouTube. *Cureus*, v. 16, n. 5, p. e60904, 2024. doi: 10.7759/cureus.60904. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38910775/>. Acesso em: 06 ago. 2024.

35. MAENNER, M. J. et al. Prevalência e características do transtorno do espectro do autismo entre crianças de 8 anos — rede de monitoramento de autismo e deficiências de desenvolvimento, 11 locais, Estados Unidos, 2018. *Morbidity and Mortality Weekly Report*, v. 70, n. 10, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/70/wr/pdfs/mm7010a1-H.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2024.

36. RUBY, D. Mais de 35 estatísticas de usuários do TikTok: quantos usuários do TikTok existem em 2023? *Demandsage*, 31 dez. 2022. Recuperado em: 12 jan. 2023. Disponível em: <https://www.demandsage.com/tiktok-user-statistics/>. Acesso em: 06 ago. 2024.

37. ARAGON-GUEVARA, D.; CASTLE, G.; SHERIDAN, E.; VIVANTI, G. The reach and accuracy of information on autism on TikTok. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 53, n. 8, p. 3651-3663, 2023. doi: 10.1007/s10803-023-06084-6. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37544970/>. Acesso em: 06 ago. 2024